



Trançados e Letramentos : relatos de um projeto de Pesquisa e Prática Pedagógica na Escola Tupinikim da Aldeia Comboios- Aracruz/ES

Aline F. R. Elisiário Tupinikim

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
alinerodrigues@gmail.com

Edinalva F. Rodrigues Tupinikim

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
nalvarodrigues022@gmail.com

Joselda C. Passos Tupinikim

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
joseldacpassos@gmail.com

Larissa D. Florêncio Tupinikim

Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES)
larissatupiniquim@gmail.com

Luzia F. Rodrigues Tupinikim

Universidade Federal do Espírito Santo
(UFES)
luziaflorencio@gmail.com

DOI: 10.22481/odeere.v3i5.4148

Resumo: O presente relato nasce de um projeto pedagógico desenvolvido na Aldeia Tupinikim de Comboios, município de Aracruz- ES, durante a disciplina Projetos de Pesquisa e Prática Pedagógica – PPPP III, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani, do Programa de Licenciaturas Indígenas – PROLIND, oferecido pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. O projeto teve como objetivos: Pesquisar com os mais velhos os tipos de trançados, colaborando na reafirmação cultural do nosso povo Tupiniquim; Reconhecer os tipos de trançados Tupiniquim; Confeccionar alguns tipos de trançados; Produzir textos coletivos a partir dos trançados e analisar o processo de letramento a partir de atividades contextualizadas. O projeto se apoiou metodologicamente na pesquisa-ação com intuito de identificar as técnicas e manuseios dos trançados Tupinikim, construindo momentos de partilhas com os anciãos e intercâmbios entre outras aldeias Tupinikim.

Palavras-chave: Trançados; Letramentos; Povo Tupinikim; PROLIND.

Abstract: The present report is born from a pedagogical project developed in the Tupinikim Village of Comboios, municipality of Aracruz-ES, during the discipline Projects of Research and Pedagogical Practice - PPPP III, in the course of Indigenous Licentiate Tupinikim and Guarani, PROLIND, offered by the Federal University of Espírito Santo - UFES. The project had as objectives: To research with the older the types of braids, collaborating in the cultural reaffirmation of our Tupiniquim people; Recognize the types of Tupiniquim braids; Make some types of

braids; Produce collective texts from the braids and analyze the process of literacy from contextualized activities. The project was methodologically based on action research in order to identify the techniques and manipulations of the Tupinikim braids, building moments of sharing with the elders and exchanges among other Tupinikim villages.

Keywords: Braided; Lettering; Tupinkim people; PROLIND.

Trançados Iniciais

O presente relato faz parte de um projeto desenvolvido na Aldeia Tupinikim de Comboios, durante a disciplina Projetos de Pesquisa e Prática Pedagógica – PPPP III, ministrada pelo professor Paulo de Tássio Borges da Silva no curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani, pelo Programa de Licenciaturas Indígenas- PROLIND, oferecido na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

O Povo Tupinikim e a Aldeia Comboios

Somos um Povo Indígena originário do Espírito Santo. Segundo as historiadoras Kalna Teao e Klítia Loureiro¹, nós Tupinikim, (Tupinikin, Maragayá, Tuayá) somos constituídos de um subgrupo Tupinambá, classificados no tronco linguístico Tupi, e sempre habitamos a estreita faixa de terra entre Camamu na Bahia e o Rio Cricaré ou São Mateus no Espírito Santo. Na contemporaneidade estamos localizados no município de Aracruz- ES.

A Aldeia de Comboios está localizada cerca de 3 km e meio do distrito de Vila do Riacho e 36 km do município de Aracruz – ES, residindo cento e dezoito (118) famílias, um total de quinhentos e vinte oito (528) pessoas. Ao Sudeste da aldeia está localizado o Rio Comboios que desemboca no mar, ficando este ao Noroeste. A aldeia tem formato de uma Península, sendo a área de restinga formada por solo arenoso, ocupado por capoeiras e vegetação litorânea. Os meios de transportes utilizados dentro da aldeia são tratores, cavalos, alguns veículos com tração nas quatro rodas e barco para a travessia do rio ou para deslocar alguns estudantes que moram

¹ TEAO, Kalna Mareto; LOUREIRO, Klítia. *História dos índios do Espírito Santo*. 2.ed.-Vitória, ES: Ed. do Autor, 2010.

distante da escola.

A maioria das famílias mora na extensão da aldeia, ficando as casas distantes umas das outras, somente uma pequena quantidade se encontra mais perto do chamado centro da aldeia. Como grande parte das famílias moram distante do centro, onde está localizada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Dorvelina Coutinho, muitas crianças ficam impossibilitadas de frequentarem as escolas, tendo os professores que se deslocarem para atuarem no chamado projeto emergencial, em atendimento a essas crianças. Contudo, os locais onde essas crianças têm aulas nesse projeto emergencial não possuem estrutura adequada, sendo negadas às crianças uma Educação Escolar Indígena de qualidade.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Dorvelina Coutinho tem sua criação pela Lei municipal Nº. 2777 de 10 de março de 2005, e atende as modalidades da Educação Infantil e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano.

O projeto Trançados e letramentos

O projeto desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Dorvelina Coutinho teve como objetivos:

Objetivo Geral:

- Pesquisar com os mais velhos os tipos de trançados, colaborando na reafirmação cultural do nosso povo Tupiniquim.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer os tipos de trançados Tupiniquim;
- Confeccionar alguns tipos de trançados;
- Produzir textos coletivos a partir dos trançados;
- Analisar o processo de letramento a partir de atividades contextualizadas.

O projeto se apoiou metodologicamente na pesquisa-ação com intuito de identificar as técnicas e manuseios dos trançados Tupinikim, construindo momentos de partilhas com os

anciãos e intercâmbios entre outras aldeias Tupinikim, sendo estes momentos registrados por meio de fotos e produção de textos, como pode ser observado na imagem que segue abaixo:



Momentos do trabalho no projeto

Sobre a pesquisa-ação, Engel pontua:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em posição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta.²

No trabalho tivemos como recursos os cipós para a confecção dos trançados, lápis, borracha e papel na construção dos primeiros riscados dos trançados, bem como o celular para o resgistro das atividades. A oralidade dos anciãos e a memória oral da comunidade também foi acessada, sendo o referencial para a nossa atividade.

O projeto foi encaminhado com trocas de saberes, sendo estas construídas desde a participação do artesão, que sendo um jovem Tupinikim, soube mediar a atividade com os alunos sempre atenciosos nos ensinamentos do passo-a-passo, até dar a forma do cesto ou do samburá. As atividades práticas envolveram os alunos de forma mais prazerosa, e mesmo aqueles que não

² ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-Ação. In: *Revista Educar*. Curitiba, n. 16, 2000, p. 181-191, p. 189.

queriam participar no início, com o decorrer da atividade estavam colocando a “mão na massa” quando viam os outros amigos super envolvidos. Desta forma, empolgados mudavam suas atitudes e contribuía de alguma maneira no grupo que estavam inseridos.



Professores e estudantes do projeto.

O projeto deixou ainda como apontamento, que esses momentos de oficinas de artesanatos devem ser mais presentes e rotineiros na nossa escola, pois isto nos possibilita descobrir o que cada aluno gosta de fazer, fortalecendo o nosso trabalho na Educação Escolar Indígena.

A Partilha Comunitária



Cartaz de divulgação do seminário

As atividades do projeto “Tançados e Letramentos” foi partilhada com a comunidade educativa de Comboios no dia 28 de novembro de 2017, no I Seminário Pedagógico Comunitário em Projetos de Pesquisa e Prática Pedagógica, tendo como tema: Diálogos comunitários contra “dragagens pedagógicas”. O tema originou-se em um dos momentos de reflexão pedagógica na disciplina Projetos de Pesquisa e Prática Pedagógica – PPPP III, quando o discente e Cacique da Aldeia de Comboios, Antônio Carlos, relatou que “[...] às vezes práticas interculturais e diferenciadas ficam impossibilitadas porque há uma dragagem pedagógica constante na escola”. Neste sentido, o verbo dragar proposto pelo nosso Cacique em sua reflexão pedagógica remete aos processos externos e artificiais que sobrepõem às organizações e aos agenciamentos do nosso povo, da nossa comunidade educativa.

O seminário contou com a partilha dos demais grupos que trabalharam a culinária tradicional Tupinikim, o Manguezal e as plantas medicinais, bem como a participação dos anciões da comunidade que comentaram os trabalhos apresentados. O seminário foi um momento de formação pedagógica, entendendo que uma Educação Escolar Indígena Intercultural, Específica e Diferenciada só será possível numa dimensão comunitária.

Trançados Finais

Observamos na oficina dos trançados indígena o despertar e encantamento de muitos alunos para a confecção dos samburás e cestarias. Foi um momento de atividade que mexeu com a escola, onde os alunos de outras turmas queriam estar participando, uma vez que o público do projeto estava voltado para os alunos defasados em idade/ano que apresentam dificuldades na leitura e escrita, o que não impediu a participação dos outros alunos interessados em aprender as práticas e os elementos dos trançados Tupinikim.

Entrosar e não estigmatizar os alunos com dificuldade em leitura e escrita, como fazem as avaliações externas que chegam de cima para baixo na escola, possibilitou o encontro com outras competências que estes possuem e não são levadas em conta. São práticas pedagógicas que envolvem escola e comunidade como esta, que incentivam e fortalecem a nossa cultura. Desta forma, o projeto nos fez refletir que devemos valorizar o saber de cada aluno cada vez mais, colaborando no desenvolvimento do seu potencial e outras habilidades para além do que a escola não indígena valoriza, pois cada um aprende no seu tempo e de formas variadas, mesmo que o retorno seja de uma outra maneira não somente com notas (números no final do trimestre conforme regras que são seguidas para avaliar), mas nos potenciais de cada criança.

Referências

ARACRUZ/EMEFI DORVELINA COUTINHO. *Proposta Pedagógica*. Aldeia Comboios, Aracruz- ES, 2012.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-Ação. In: *Revista Educar*. Curitiba, n. 16, 2000, p. 181-191, p. 189.

TEAO, Kalna Mareto; LOUREIRO, Klítia. *História dos Índios do Espírito Santo*. 2.ed.-Vitória, ES: Ed. do Autor, 2010.

Aline F. R. Elisiário Tupinikim: Estudante da Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Edinalva F. Rodriguês Tupinikim: Estudante da Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Joselda C. Passos Tupinikim: Estudante da Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, pedagoga da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Dorvelina Coutinho.

Larissa D. Florêncio Tupinikim: Estudante da Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Dorvelina Coutinho.

Luzia F. Rodrigues Tupinikim: Estudante da Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Dorvelina Coutinho.

Artigo recebido para publicação em: Abril de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Maio de 2018.